

3 1 AGO 1979

Sen. Sarney quer acabar com a "ditadura" nos partidos

O presidente da Arena, senador José Sarney defendeu ontem a necessidade de se encontrar um mecanismo legal capaz de evitar aquilo que chamou de "ditadura da cúpula partidária".

Sarney fez a observação depois de negar a existência de qualquer trabalho de aliciamento dos arenistas em defesa da manutenção da sublegenda, embora não escondesse suas simpatias pessoais pelo instituto.

Lembrou, a propósito, que várias vozes arenistas, inclusive uma especialmente ilustre, a do senador Luís Viana Filho, presidente do Congresso Nacional, têm se levantado em favor da sublegenda. "E o Governo, que não é alheio a sugestões" - "está examinando a idéia como uma das alternativas que poderão ser adotadas".

Outro argumento lançado por Sarney a favor dessa idéia é a necessidade de coesão partidária, "a fim de que o país não se veja, mais uma vez, como disse, invadido por uma infinidade de agremiações políticas, a pulverização partidária do passado".

O levantamento que o presidente da Arena está empreendendo junto à bancada para ver com quais políticos o Governo poderá contar para formar seu partido "está se desenvolvendo concretamente, embora ainda não se disponha de um quadro numérico preciso sobre as forças políticas com as quais poderá contar no futuro."

Lembre-se a propósito que o ministro da Justiça, há 15 dias,

solicitou a Sarney um quadro pormenorizado da situação geral do partido, o que logo foi providenciado através de uma série de viagens dos dirigentes arenistas pelo interior do País.

SEM REBELIÃO

José Sarney abordou ainda o movimento dos deputados arenistas nordestinos, dizendo que "não existe rebelião da bancada do Nordeste, mas apenas um debate acalorado dos problemas que afligem os representantes daquela área do Brasil."

Para ele, o que realmente existe é uma preocupação com os problemas daquela região, que não devem necessariamente ser colocados em termos partidários. Sobre a afirmação de alguns deputados nordestinos, de que a situação da região é de tal ordem que não se afasta a possibilidade da eclosão de uma "guerra de secessão", o senador respondeu simplesmente que o Brasil nunca esteve tão unido.

BALDACCÍ CRÍTICA

A prevalecer a tese defendida pelo senador José Sarney e pelo ministro Petrônio Portella, de se formar um único partido governista, quando da reformulação partidária, o melhor seria continuar tudo como está, segundo entende o deputado Rafael Baldacci. A pretensão de ambos não está baseada na realidade política, pois as divergências existentes praticamente em todos os es-

tados não permitirão que o Governo componha todas as forças políticas que o apoiam em um único partido.

Como conciliar, por exemplo, Setúbal e Paulo Maluf, em São Paulo? Antônio Carlos Magalhães e Roberto Santos, na Bahia? Paulo Pimentel e Jaime Canet Junior, no Paraná? Por isso, Baldacci defende a criação de dois ou três partidos de apoio ao Governo, com os quais o Executivo dialogará e se entenderá para formar as composições necessárias.

Para o deputado Rafael Baldacci, nem a Arena e nem o MDB se manterão unidos, mesmo que seus integrantes decidam se agrupar em uma única agremiação depois da reformulação partidária. As correntes que compõem os dois partidos estão definidas. Dentro da Arena, por maiores esforços que o Governo envidasse, não conseguiria trazer para o partido que o apóia as lideranças divergentes nos estados.

Também o deputado Erasmo Dias, ex-secretário da Segurança Pública de São Paulo, tomou uma posição contrária ao "arenão". Erasmo defende o princípio de que o Governo deverá ter o apoio de dois ou três partidos. Seriam as correntes políticas que divergem nos estados. Porém, no plano federal, se situariam numa linha de apoio ao Governo central. E isso fatalmente ocorrerá. Depois de tentar criar um único partido, o Governo chegará à conclusão de que a melhor solução é contar com duas ou três agremiações, tais as dificuldades que surgirão nos Estados.